

cuidarão para que eu deixe este mundo em breve). esta carta deverá não apenas contribuir para esclarecer alguns pontos de nosso relacionamento, mas também dar-me a possibilidade de dizer algumas coisas do fundo da alma. Seja o que for que se passe com a alma quando, um dia, sem a proteção do corpo, ela se põe a vagar pelo mundo — e você pode imaginar que veementes especulações a respeito são feitas neste país —, ela certamente não deve ser prejudicada em seu movimento por antigas preocupações e monstruosas miragens. No mar da imobilidade, cumpre que a alma seja leve.

Você pode imaginar quão perplexo eu fiquei ao ver, em minha livraria, um livro com seu nome. Perplexo não é a palavra correta: foi como se eu tivesse levado um murro. Primeiro, incompreensivelmente agitado, senti necessidade de sair dali, precipitando-me num café, para beber alguma coisa; e só depois de um amplo espaço de tempo retornei à livraria (aliás, uma bela palavra esta: amplo). Não que eu tenha pensado obstinadamente em você; nem sequer senti um sério desejo de vingança e, nos últimos anos — admito-o de bom grado —, cheguei mesmo a te esquecer vez por outra, como se tivéssemos nos conhecido numa vida passada, acabada para sempre, sem ter nada a ver com minha vida presente em

Israel. Algumas vezes cheguei a pensar — não sei por quê — que você deveria estar morto, não mais em vida; imaginava uma lápide, algumas flores (não-te-esqueças-de-mim) e uma velha sentada num banquinho defronte, guardando teu segredo. No momento, porém, em que li seu nome bem à minha frente, preto no branco, também a antiga vida enfiou-se de novo em minha pele. Vi-me outra vez deitado no interior daquela cabana miserável, todo picado por insetos, dissolvendo no calor, e vi seu rosto à minha frente, seu rosto sério e desconfiado, você à espreita — e desejei, então, que você estivesse morto.

De início, quis roubar um exemplar, aliviar um deles, como dizíamos em Berlim, porque não queria ter ainda de pagar por um livro meu, mas o dono da livraria, um americano que conheço bem — nossa firma compra todos os seus livros por intermédio dele, que, vez por outra, recomendava-me novos lançamentos, inclusive alemães —, estava já do meu lado, preocupado, pois acreditou que eu fosse ter um colapso e cair ali mesmo, em sua bela loja. Queria roubar um exemplar porque não desejava comprar um livro teu. Por fim, acabei comprando-o, a um preço exorbitante, pois neste país os livros, sobretudo as traduções, são escandalosamente caros. Comprei, caro Richard, um livro seu, o relato de